



CAMPUS ARIQUEMES

**Av. Tancredo Neves,
3450 - St.
Institucional,
Ariquemes - RO,
76872-848
Telefone: (69)
3535-3563**

**Resenha
Recebido em:
01.11.2020
Aprovado em:
20.11.2020
Publicado em:
02.12.2020**

Revista de Ciência e Tecnologia
da Região Norte (RCTRN)

<https://www.periodicos.unir.br/index.php/RCTR/index>

RESENHA: A BELA da tarde (*Belle de jour*). O roteiro: Luis Buñuel e Jean Claude Carrière. França: Zeta Filmes, 1966. 1 DVD (100min), son., color.

A BELA DA TARDE – A PROSTITUIÇÃO NA VIDA DE UMA MULHER

THE BEAUTIFUL AFTERNOON - PROSTITUTION IN A WOMAN'S LIFE

Adailde Miranda da Silva Carvalho¹

O filme *A bela da tarde (Belle de jour)*, de Luis Buñuel, realizado em 1966, resiste à passagem do tempo, e continua merecendo ser visto, revisto e discutido pelos amantes do cinema e, em particular, por aqueles que foram “picados pela mosquinha da psicanálise”.

Jacques Derrida (citado por Telles, 2004, p. 7) fala da experiência cinematográfica como algo que pertence à espectralidade da psicanálise. Ele diz que “todo espectador, durante uma sessão de cinema, põe-se em contato com um trabalho do inconsciente”, ou seja, um trabalho contínuo, incansável, obsessivo. “A ampliação da imagem na tela não apenas aumenta o tamanho, o detalhe dá acesso a uma outra cena, uma cena heterogênea.” Uma possível leitura desta formulação de Derrida é ver que a imagem fílmica diante de nossos olhos, aumentada, impõe-se de maneira que nossa verdade seja capturada, mesclada, com a dos personagens da tela, e, assim, diminuem nossas chances de continuar recalçando aquilo que mais temíamos em nós mesmos. Quanto ao detalhe, este, como na imagem plástica do sonho, remete-nos à singularidade de uma outra cena... Assistir a um filme pode ser bem mais do que assistir a um filme! Podemos nos enlaçar, com nossa história privada, à outra que está sendo projetada como cinema, a uma palavra ecoada naquele ambiente escuro. Muitas vezes, assistir a um filme é mais do que assistir a um filme: “pode-se, de maneira econômica (com relação a uma sessão de análise), deixar que os espectros voltem à tela” (*id., ibid.*, p. 7), mas o que Derrida não diz

¹ Enfermeira, professora, Doutora do Departamento de Enfermagem da Universidade Federal de Rondônia (UNIR), Porto Velho (RO). E-mail: adailde@unir.br

é que o sujeito, com seus demônios soltos, não terá outro caminho a não ser “se virar” com aquilo que viu e escutou de si mesmo...

Séverine, a “Bela da Tarde”, imortalizada por Catherine Deneuve, tem na raiz de seu nome um desejo – marcado por aquele que o escolheu –, que vai na direção de ela ser um sujeito que não admite a quebra de regras, estando pronta a punir ou a culpar – ela deveria responder do lugar de um sujeito *severo*. Acompanhamos na tela, a bela Séverine a transitar em ambientes marcados por traços luxuosos: sua casa, suas roupas, férias na montanha, bares ao lado do marido médico. A beleza da personagem contrasta com a recusa dos prazeres da vida sexual: seguem-se várias cenas em que são focalizadas a frigidez sexual de Séverine e a passividade de Pierre, seu marido, em relação a esse fato.

Retomemos a primeira cena: o filme começa com Séverine e seu marido Pierre andando em uma charrete guiada por dois cocheiros. A cena é acompanhada de um tilintar de sinos, e o passeio tem como destino uma floresta. Quando Pierre, o doce marido, desce da charrete, manda que os cocheiros retirem Séverine e amarrem-na numa árvore. Durante o ato de violência com que Séverine é submetida, ela pede ajuda ao marido e diz que o ama. Após a sessão de tortura, Pierre manda que os homens façam o que quiserem com ela. A cena que se segue, além de espancamento, contém palavrões e violência sexual, vividos por Séverine com um misto de prazer e dor. O espectador fica perplexo com esta cena, elevada à categoria de um verdadeiro enigma. Diante dela, não sabemos ainda se o que vemos é da ordem da realidade ou da fantasia. Só no final do filme, com a repetição do tilintar dos sinos e a passagem dessa charrete, agora vazia, é que aquela cena inicial poderá ser ressignificada... Estamos no plano de uma cena fantasmática: no início, Séverine sendo levada pela charrete, o tilintar típico dos sinos, e depois ela sendo batida, humilhada, seviciada. No final do filme, Séverine ouve, de seu apartamento, o tilintar dos sinos da charrete: caminha até a janela, vê a charrete passar... Desta vez, ela não está lá, a charrete está vazia... O que mudou entre o início e o final da trama de uma vida? Será que Séverine viveu uma mudança em sua posição subjetiva em relação ao mundo, suficiente para que não precisasse mais buscar viver momentos em que “é espancada, batida, violentada”?

Freud nos diz, em “Bate-se numa criança” (1919), ser freqüente que sujeitos, quando se submetem ao tratamento analítico em busca de cura para seus sofrimentos psíquicos, acabem confessando a fantasia de presenciar uma cena em que “se bate numa criança”. O trabalho de investigação analítica levou Freud a dizer que esta *primeira fase* da fantasia constitui um núcleo de flagelação e pode ser assim descrita: *o pai bate numa criança*. A *segunda fase*, do desdobramento desta fantasia, mantém o pai como aquele que bate, mas a

criança maltratada é outra, em geral, o próprio sujeito, num tempo em que era criança, e retirando um enorme prazer desta cena de flagelação: “Eu sou golpeada pelo meu pai”. Esta segunda fase é a mais importante de todas. Mas, num certo sentido, podemos dizer que nunca teve existência real. Não é jamais recordada e nunca teve acesso à consciência. “É uma construção da análise” (p. 2469). A *terceira fase* assemelha-se à primeira – tanto aquele que bate como aquele que apanha permanecem indeterminados. “*Bate-se numa criança.*” Ocorre que tal fantasia passa a ser sustentáculo de uma intensa excitação sexual. Aqui temos um núcleo erógeno de dor que nos enlaça ao masoquismo – prazer na dor –; e também uma questão que nos leva a pensar na persistência desta erotização da dor na vida libidinosa da mulher.

Como relacionar o *bater* com a erotização? E, no filme em questão, qual o lugar da fantasia masoquista – de que o espectador somente se dá conta no final do filme – na vida de Séverine?

Retomamos, neste trabalho, o segundo tempo da fantasia acima mencionado, o que nunca é recordado: *eu sou golpeada pelo meu pai*. Ocorre que a fantasia primitiva, incestuosa, que traria uma cena de amor entre pai e filha, sucumbe sob o golpe da consciência de culpabilidade, e, no lugar do amor, inscreve-se a dor. Ou seja, no lugar do amor incestuoso, encontramos a erotização da dor, que pode manifestar-se por meio de maus-tratos físicos e/ou morais. Dito de outro modo, o masoquismo é uma outra face da erotização do amor edipiano: no lugar do amor proibido e recalcado, inscreve-se a dor.

Séverine recorda-se, no filme, de uma cena em que carinhos, com intensidade incestuosa, eram vividos entre ela e seu pai, e a presença da voz materna fez limite naquele enlace. Pierre, seu marido, não se mostra fálico o suficiente para ocupar o lugar de amante dessa mulher ligada edipicamente ao pai. Séverine banca a mulher toda bela, toda elegante, toda desejada pelos homens, mas que permanece, severamente, ligada à figura paterna.

O ponto de bascula dessa trama advém da entrada da figura da prostituta na vida da “Bela” Séverine.

Numa conversa com uma amiga, enquanto andavam de táxi, aquela lhe fala sobre Henriette, amiga comum, que estaria freqüentando uma casa de prostituição. Ao ouvir a conversa, e respondendo à dúvida de Séverine, o motorista informa que tais casas ainda existiam, apesar de proibidas.

Ao chegar à sua casa, Séverine recebe flores de Husson, um médico colega de Pierre e que sempre a corteja. Os comentários sobre a prostituição e as flores de Husson deixam Séverine perturbada, a ponto de derrubar o jarro de flores e um frasco de perfume. Logo após,

em seu quarto, “ouve” o som dos chocalhos e relembra cenas de sua infância, nas quais sua mãe a chama, enquanto, em outro cômodo da casa, seu pai beija-a de forma incestuosa...

Saindo do devaneio, procura o marido e pergunta sobre as tais casas de prostituição. Ele, constrangidamente, explica-lhe que raramente as freqüentou e que elas ainda existem, mas de maneira clandestina. No final da conversa, ela dirige-se ao quarto, e ele se oferece para acompanhá-la. Ela reluta, mas aceita, na condição de ele ficar com ela até que adormeça. Ele pergunta: “você nunca vai crescer?”

Na cena seguinte Séverine encontra Henriette num clube de tênis. O encontro deixa-a perturbada. Em seguida, Husson faz comentários propositais sobre a vida dupla de Henriette e acrescenta: “aquelas são mulheres servis e com perfumes especiais [...] metade das mulheres se vendem por dinheiro”. Conclui citando o nome e endereço de uma das casas de prostituição, a Casa Anais, após tentar beijá-la. Sem obter sucesso, vai embora.

Séverine sai à procura da Casa Anais, sutilmente sugerida por Husson, encontra-a, mas está visivelmente assustada e volta sem entrar. Senta-se em uma praça e chora. Em seguida, ouve o sino tocar e vai a uma igreja. Sem ser vista, observa o padre e o sacristão. Mais uma cena de seu passado é rememorada: Vê-se diante do padre, que lhe oferece a hóstia; ela recusa-a e recebe uma reprimenda.

Séverine sai da igreja, novamente sem ser vista, e volta à Casa Anais. A cena da igreja e a reprimenda vivida enquanto era criança possibilitaram um corte com o presente: agora ela era uma mulher. É recebida por Madame Anais, que lhe explica o funcionamento do local. Ela, visivelmente nervosa, combina de voltar para trabalhar ali, no mesmo dia, das 14 h às 17 h exclusivamente.

Quando Séverine sai da Casa de *Madame Anais*, vai ao hospital em que Pierre trabalha e pede para almoçar com ele, mas este lhe diz que vai almoçar com o chefe, conforme já tinha combinado anteriormente, prometendo que jantarão com amigos à noite. Sem a presença do marido, como possível corte no trajeto que desejava trilhar, abre-se o caminho da prostituição em sua vida.

Às 14 h Séverine está na Casa de *Madame Anais*, e esta lhe dá algumas explicações sobre o funcionamento do local, e sugere que, em razão de seu horário de trabalho, seu “nome de guerra” seja “Bela da Tarde”. Como prostituta, vive uma queda de seu verdadeiro nome, bem como do nome do pai e/ou do marido. Agora responde com outro nome, seu nome de guerra, o de “Bela da Tarde”. É com este nome que seu corpo responderá à erotização – agora pode quebrar laços primitivos, até mesmo o do amor incestuoso, condição para que deixe de ser frígida. “Bela da Tarde”, como nome, marca a perda de seu nome e sobrenome originais,

sua dívida para com o pai e o marido, e tal perda tem como ganho a conquista do gozo feminino.

O primeiro encontro: quando ela houve a voz do homem – aparentemente com um nível cultural inferior ao dela –, corre para a saída, mas é discretamente interrompida por *Madame Anais*, que a segura pelo braço e leva-a para onde está o homem e as outras mulheres da Casa. Obedece, faz sexo com o homem rude e grosseiro e vai embora às 17 h.

Ao chegar à sua casa, toma um longo banho, esfrega-se efusivamente, queima todas as roupas íntimas, como se pudesse apagar todas as marcas do que tinha vivido naquele quarto... Quando Pierre chega do trabalho, ela diz que está com enxaqueca e que ele pode ir sozinho para o jantar prometido. Ele recusa-se a ir sozinho, prefere ficar em seu escritório.

Enquanto ele trabalha, ela *fantasia, mais uma vez...* Vê uma manada de bois sendo tocada por vários homens, entre eles Pierre e Husson. Pierre pergunta a Husson se é costume dar-se nome aos bois, e Husson responde que sim, e que quase todos eles chamam-se “Remorso”, menos o último, que se chama “Expição”. Em seguida, Pierre retira esterco do chão com uma pá, e os dois jogam esterco e lama em Séverine que está amarrada em uma árvore e diz: “Pierre, eu te amo!” Destacamos: remorso, expiação de pecados e um situar-se novamente no lugar de ser enlameada pelo Outro.

Dias depois, volta ao prostíbulo e insiste para poder ficar: havia quebrado a regra da pontualidade. É aceita e recebe o segundo cliente: um médico, professor, e masoquista. Como ela não consegue entendê-lo, ele solicita outra prostituta. Ocorre que o parceiro-sintoma de um masoquista teria de ser um sujeito capaz de fazer semblante sádico, mas, esta posição subjetiva, a “Bela da Tarde” desconhece!

Seu terceiro cliente é um homem com traços orientais, muito rude e grosseiro. Quando ele sai, ela fica na cama extasiada e volta a rever sua infância. Este homem foi suficientemente agressivo para romper a barreira de proteção que a impedia de entregar-se a um homem, e ele, com sua virilidade, tomou posse do corpo dessa mulher, abrindo-lhe o caminho do gozo Outro.

Seu quarto cliente é um nobre, que a leva para sua casa, e lá ela é preparada para ficar como se estivesse morta, vestida num véu preto transparente, e deitada nua, em um caixão. Enquanto ele, aparentemente, masturbava-se embaixo do caixão, após chamá-la de filha, faz-lhe várias declarações de amor e pedidos de perdão. Terminada a encenação, Séverine é expulsa da casa sob forte chuva. Destacamos, desta cena, o fato de um pai pedir perdão a uma filha, por ter sentido um amor que extrapolava aquele de um pai para com sua filha.



À noite, em casa, ela deita na cama do marido, e eles fazem sexo, aparentemente, sem a habitual frieza. Algo mudara em sua vida...

Um dos clientes de Séverine é Marcel, um espanhol bandido e traficante, com os dentes cheios de cáries, violento e grosseiro, no sexo e fora dele. Marcel apaixonou-se por ela.

Uma tarde, ao ser apresentada a um velho cliente da Casa de Anais, ela depara com Husson. Ele disfarça e pede para que as outras mulheres se retirem. Quando ficam a sós, Séverine acusa-o de ser o responsável por ela ter ido parar naquele lugar: dera-lhe o endereço. Pede para que ele não conte nada a seu marido, em troca ela faria tudo o que ele quisesse. Husson demonstra desinteresse e diz que o que o atraía nela era sua virtude, mas esta já não existia mais.

“Bela da Tarde” avisa a *Madame* Anais que não voltaria mais, e ela pergunta se é por causa de Marcel. Sem deixar claro o motivo de sua saída, vai embora.

Ao sair da Casa, é seguida por um amigo de Marcel até sua residência. Algum tempo depois, Marcel vai procurá-la em casa, ela disfarça a inconveniência, dispensa a empregada e recebe Marcel a contragosto. Ele se apresenta de maneira ameaçadora, ela lhe diz que é casada. Ele vê uma fotografia de Pierre e diz: “Este é o obstáculo?” Depois de uma conversa tensa e alguns beijos, ele informa que vai sair, e ela responde que é bom mesmo, pois ela vai contar tudo ao marido, já que ele um dia vai ter de saber. Marcel diz que ela pode ficar tranqüila e sai, não sem antes derrubar a fotografia de Pierre.

Séverine está sentada na sala, esperando Pierre, quando ouve dois disparos de arma de fogo. Corre para a janela e vê Pierre caído na calçada.

Enquanto Pierre é levado ao hospital, Marcel é perseguido e assassinado pela polícia.

Algum tempo depois, Pierre volta para casa: paraplégico, cego e mudo.

Séverine comporta-se como uma esposa tradicional, cuidando do marido inválido e fazendo trabalhos manuais.

Certo dia, Husson vai à casa do casal e avisa a Séverine que irá contar tudo o que sabe sobre ela a Pierre, pois ele sente-se culpado por achar que o amigo está sofrendo injustamente.

Quando Husson sai, Séverine entra na sala, senta-se e olha interrogativamente para Pierre, sentado em sua cadeira de rodas... De repente, “vê” Pierre de pé, e sem os óculos! Ela pára, observa seu rosto, chega perto e eles se abraçam.

Em seguida, vai à janela e chama Pierre... Lá embaixo está passando a carruagem com seu tilintar característico, guiada por dois cocheiros, *mas o banco de trás está vazio... Séverine não está mais lá!*

O tilintar dos sinos da carruagem estava associado, em sua história, à cena incestuosa vivida na infância, e a carruagem levava-a para ser maltratada física e moralmente. Esta cena fantasmática, em que ela entregava-se para “ser batida”, pôde ser esvaziada no final da trama. Como pensar estas mudanças? Teria havido uma travessia de sua fantasia?

Eliana Calligaris (2005, p. 25) nos diz que a fantasia da prostituição – “sou uma puta” – talvez conduza uma mulher a libertar-se da prisão em que a paixão inicial por um homem – o pai – a pôs. Essa paixão impõe uma divisão excludente entre “amor e sexo”: se me entrego, perco o amor do pai, ou então, se amo o pai, não me entrego para ninguém. Uma outra divisão que a autora nos lembra é a da dama e da puta. Tal cisão da mulher não ocorre apenas do ponto de vista do homem na escolha de seu objeto amoroso, mas também do da mulher. “Será que uma mulher consegue entregar seu corpo imaginando-se como a dama do amor cortês? Ou será que, para se entregar, ela precisa despir-se do enamoramento pelo próprio corpo coberto dos vestidos rendados que alegravam os olhos envaidecidos do pai?” Ou seja, para que uma mulher possa perder-se na entrega para seu parceiro amoroso, há que se desvestir da roupagem pudica, há que suportar ser puro objeto de desejo...

Séverine escolheu o caminho da prostituição como forma de sair da prisão edípica em que se encontrava: interdita – inconscientemente – na possibilidade de viver o sexo com outro homem, só restava a ela, até o encontro com a Casa Anais, o caminho da frigidez como armadura. De outro lado, escolheu um homem-marido que não se mostrava fálico o suficiente para quebrar as armaduras que a imobilizavam junto à figura paterna e manteve um casamento em que a vida sexual parecia inexistente.

Séverine pôde ser a “Bela da Tarde”: viveu intensamente o fato de ser causa de desejo de homens que a escolhiam entre outras, marcando-a como única, especialmente no caso de Marcel.

Retornemos ao final do filme, com os sinos e a charrete vazia: de um lado, não podemos deixar de pensar que a vida deu a ela motivos suficientes para “se ferrar”, ou seja, cuidar, para sempre, de um marido inválido... A carruagem poderia ser esvaziada, ela não precisaria fazer um percurso para que fosse batida!! De outro lado, Pierre aparece, em sua fantasia, “curado”: puro enigma para o espectador... Será que, aos olhos desta Outra Séverine, ele agora poderia ser dotado do poder fálico?

Para aquele que assistiu ao filme, e foi enlaçado pelo movimento de cenários, vozes, personagens, núcleos temáticos, restam questões a serem respondidas. Cada um, com sua história de vida, é provocado a recontá-la, a fazer uma emenda, ali onde se presentificou um abalo das certezas.

REFERÊNCIAS

CALLIGARIS, E. R. *Prostituição: o eterno feminino*. São Paulo: Escuta, 2005.

FREUD, S. (1919). “Pegan a un niño – Aportación al conocimiento de la génesis de las perversiones sexuales”. *Obras completas*, vol. III. Madri: Biblioteca Nueva, 1981, p. 2465-80.

TELLES, S. *O psicanalista vai ao cinema*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.